

Patrícia Afonso de Campos



DANÇAS POPULARES

Reconstruindo a Cultura Popular
nas aulas de Educação Física

Campinas
2001



Patrícia Afonso de Campos

DANÇAS POPULARES

Reconstruindo a Cultura Popular
nas aulas de Educação Física

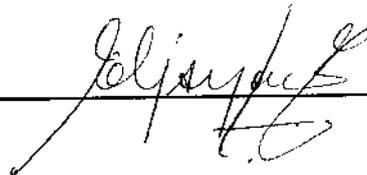
Monografia apresentada como exigência para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Prof^a Dr^a Eliana Ayoub.

Campinas
2001

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Elizabeth Paoliello

Prof^a Dr^a Eliana Ayoub (orientadora)



Aos sonhos que não querem calar...
E ao boizinho que ainda quer ressuscitá-los!



AGRADECIMENTOS

À família do Norte que me alimenta com seu amor e confiança: Higino, Heloisa, Marcelo...

À Prof^a Dr^a Eliana Ayoub, que me deu a oportunidade de compartilhar esse sonho, ajudando com toda sua sabedoria e carinho.

À família do Sudeste que me sustenta em meio a muitas risadas: Kátia, Ligia, Mili e Tânia - irmãs e filhas maravilhosas.

À família de sangue mineiro que tanto admiro: Daniel, Vó Lourdes, Beth, Carol, Frank e Nica.

À Vó Lourdes, por me fazer perceber as coisas simples e belas da vida. Te amo e obrigada por ter me adotado.

Às irmãs e amigas de Belém: Lílian e Fábria.

Aos amigos que ainda não me esqueceram em Belém e, sem exceção, aos tantos outros amigos que fiz aqui em Campinas, motivo mais forte de minha estada em São Paulo durante todos esses anos.

Gus, pela esperança em ver tudo isso melhor e do jeito que sempre sonhamos.

Aos amigos do CONBRACE, nunca pensei em conhecer pessoas tão alegres e geniais - Silvia, Raquel, Eduardo, Simone, Sandoval, Dulce, Carmem e César.

Aos professores Jocimar Daolio e Lino Castellani, pela confiança e pelo convite para ajudar na organização do CONBRACE/2001. Jamais esquecerei essa experiência.

Aos Professores Jocimar Daolio, Eliana Ayoub, Lino Castellani, Adilson Nascimento, Carmem Soares... Agradeço pela oportunidade em poder conhecê-los e aprender um pouquinho do verdadeiro valor da vida.

Aos amigos da FEF/UNICAMP que também acrescentaram suas sementes de amor durante todos esses anos: Geraldinho, Beroth, Paulinho e Zé, Gonzaga e Dulce, Fátima e Júlio, Dona Lair e Giovana, Carmem e César...

Aos usuários e funcionários do Instituto Louis Braille, pela oportunidade de poder trabalhar como voluntária com Yoga.

Aos meus professores Rosângela Bassoli e Márcio Assumpção do Instituto de Yogaterapia. E aos amigos Creuza, Sandra, Léo, Ana, Socorro, Cris e Daniel.

Ao amor pelo próximo, pela natureza, pela vida.

NAMASTE

¹ O Deus que está em mim saúda o Deus que está em você.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir acerca do desenvolvimento das danças populares em aulas de Educação Física. Dessa forma, optamos por desenvolvê-lo partindo das implicações existentes no uso da palavra folclore e cultura popular por educadores e pesquisadores. Encerradas as considerações acerca do folclore e da cultura popular, discutimos o papel da escola e dentro dela, da Educação Física para, em seguida, abordarmos o ensino das danças populares à luz dos princípios de Rudolf Laban. Por fim, fizemos uma breve viagem aos encantos das danças da região Norte do nosso Brasil.

SUMÁRIO

Introdução	14
<i>"Jô quem pô"</i> - <i>Cultura Popular ou Folclore?!</i>	17
Educação Física Escolar	27
Danças Populares na Escola	33
Eu sou de um país que se chama Pará	39
Considerações Finais	47
Referências Bibliográficas	49

"Mergulhe no caos e siga a estrela distraída".

Waldemar Henrique

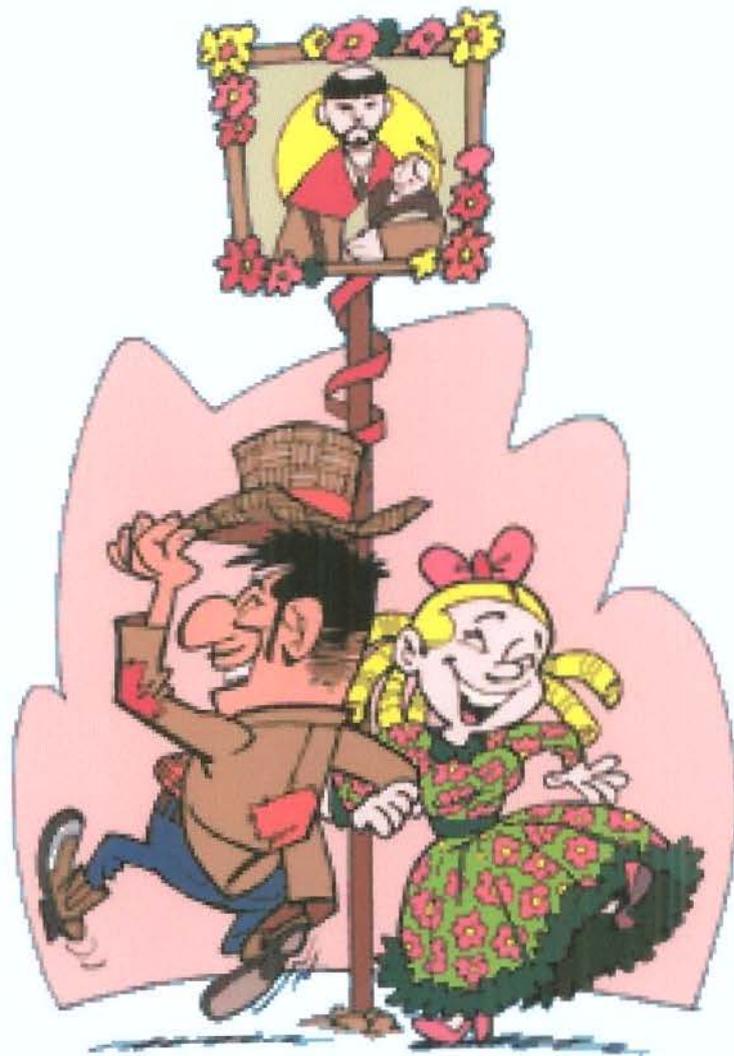


BOI BUMBÁ

Ele não sabe que seu dia é hoje
Ele não sabe que seu dia é hoje
Ele não sabe que seu dia é hoje
Ele não sabe que seu dia é hoje

O céu forrado de veludo azul-marinho
Venho ver devagarinho
Onde o boi ia dançar
Ele pediu pra não fazer muito ruído
Que o santinho distraído
Foi dormir sem celebrar
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando
A noite inteira encurralado batucando
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando
A noite inteira encurralado batucando
Bumba meu boi do campo
Bumba meu boi bumbá
La liá liá liá
E sabiá da mata cantador
La liá liá liá liá liá
E sabiá da mata sofredor
Irerê meu passarinho no sertão do Cariri
Irerê meu companheiro
Cadê viola?
Cadê meu bem?
Cadê Maria?
A Estrela Dalva lá no céu já vem surgindo
Para ouvir galo cantar
Na minha rua resta cinza da fogueira
Que passou a noite inteira
Fagulhando para o ar
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando
A noite inteira encurralado batucando

Waldemar Henrique



INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida guarda raízes em minha memória, trazendo alguns questionamentos que surgiram a partir da necessidade que tinha em esclarecer por que algumas regiões do Brasil deixam mais evidentes suas manifestações de cultura popular em escolas e no cotidiano de seus cidadãos, e em outras, isso não se faz presente!

Nunca poderia imaginar que toda essa história viria à tona por esses tempos, refiro-me a tempos conturbados pela correria do dia-a-dia e o esquecimento momentâneo de quem somos. Esquecemos nossas origens, nossa cultura e suas ricas manifestações populares, perdemos a comunicação, a linguagem, a tradição, o encanto, e a magia...

Essa riqueza mais que universal de nossa cultura popular, é mais que magia ou forma de linguagem, é alimento da alma popular, no qual o povo dança e canta com seus trajes em festas e folguedos num ato expressivo de pura religiosidade, seja no contexto sacro ou profano. A cultura popular, é mais que um estudo sobre as mais diversas manifestações do povo; é, sobretudo, elemento preponderante na formação da nacionalidade e está presente em cada momento da história da humanidade.

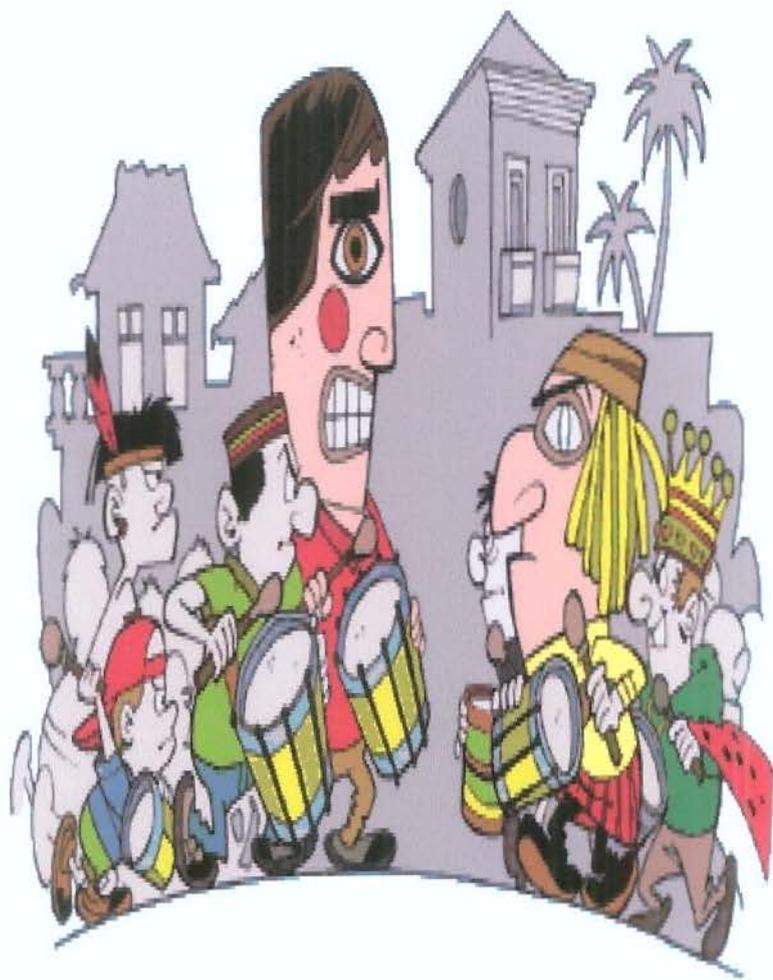
Sou nortista, nascida em Belém-do-Pará, e trago lembranças tão vivas em minha memória das manifestações populares de meu Estado. É raro uma criança em Belém não participar ou desconhecer um evento desses. O boi era magia e diversão! Éramos todos crianças, "zititos", mas queríamos

dançar e ver aquele boi lindo que além de deixar um fio de medo pela mística de sua história, trazia encanto com seus movimentos e sua alegoria.

– *Ê BOI, ê boi, ê boi do meu PARÁ, ê meu BOI-BUMBÁ!*

Decidi realizar esta pesquisa com o objetivo de refletir sobre o desenvolvimento das danças populares nas aulas de Educação Física como um processo de reconstrução da cultura popular, que de certa maneira, parece esquecida no contexto escolar: cantando, brincando, dançando, adivinhando, contando histórias, bem como tratando de assuntos com uma conotação interdisciplinar que devem fazer parte do contexto da educação do ser humano.

A Educação Física é uma área que trata de diferentes temas da cultura corporal como o jogo, o esporte, a ginástica, a luta e a dança. As danças populares devem fazer parte das aulas de Educação Física se estamos preocupados em colaborar com a preservação do acervo da cultura corporal de nossa sociedade.



"JÓ QUEM PÔ" - CULTURA POPULAR OU FOLCLORE?!

Os conceitos sobre cultura popular e folclore embora pareçam muito bem definidos de acordo com suas especificidades e considerações de ordem sócio-antropológicas, têm características muito semelhantes.

Os fenômenos folclóricos também são fenômenos da cultura popular. Não pensamos que estes fenômenos são coisas mortas ou definidas. Queremos acreditar que são concretos, dinâmicos e totalmente readaptáveis às novas mudanças assumidas por cada sociedade.

Nos próximos parágrafos tentaremos definir Folclore e Cultura Popular, para podermos esclarecer melhor aos nossos leitores, nossa preocupação em não limitar esses fenômenos somente às suas especificidades e diferenças, mas tratar o Folclore e a Cultura Popular sem diferenciá-los e torná-los uma só coisa e com mais pluralidade.

A denominação cultura popular possui duas concepções básicas que giram em torno dos aspectos da realidade social de um povo e, especificamente, do conhecimento, idéias e crenças do mesmo - e como existem na vida social.

A cultura popular abrange um universo de características criadas pelo homem por meio de seu trabalho sobre o mundo em que está inserido, o que

lhe foi dado será reconstruído e reproduzido de acordo com a sua necessidade, e depois, passado para seus descendentes.

Segundo Arantes (1981), a cultura popular é um fenômeno que está bem distante de uma definição mais concreta pelas Ciências Humanas, e especificamente, pela Antropologia Social, já que seus significados são muito heterogêneos.

Para Estevam (apud Brandão, 1994) a cultura popular é definida por uma extensão miseravelmente vasta passando a significar praticamente tudo que está impregnado no presente e em todas as partes pelo trabalho criador humano. É um processo histórico que tem uma relação ativa cheia de significados e valores totalmente coletivos. *"Aquele que ao criar a cultura e a história não apenas interage com um meio natural, mas ativamente responde aos seus desafios. O mundo não se dá, ele quer ser conquistado"* (Brandão, 1994, p.24).

Criado em 1846, pelo inglês Willian J. Thomas, o termo Folclore surge no Brasil a partir da década de 1920 em meio a conturbados questionamentos. De acordo com alguns pesquisadores, os folcloristas tradicionais abraçavam tendências que não privilegiavam o processo dinâmico de reapropriação dos elementos folclóricos, já que ocultavam a trajetória de construção dos mesmos. O que conferia ao Folclore uma base totalmente voltada para a tradição e resgate do passado, restringindo a ação do folclorista em práticas associadas a grupos subalternos da sociedade.

A tradição também sofria modificações em meio a elaborações e transformações da cultura popular, que pulsava a todo instante. Essa idéia de recuperação por meio de fragmentos do passado, passou a deslocar a tradição para outra perspectiva mais elaborada e transformadora que permitiria compreender os elementos folclóricos.

As discussões não tinham fim... Mas garantiram o início de uma fase muito positiva e promissora na exploração das relações entre Educação e Folclore. No primeiro Congresso Brasileiro de Folclore (SP/1954), os pesquisadores dedicaram exclusividade "(...) *na compreensão da importância do fato folclórico na educação, o ensino do mesmo em escolas e sua didática apropriada e as manifestações folclóricas*" (Neto apud Oliveira, 1991, p.84).

A visão de tradição ainda permanecia durante as décadas de 1960 e 1970, na qual o folclore tendia ao resgate de fragmentos, e ainda descontextualizado da dinâmica de grupos particulares integrados em seu ambiente social. A partir de 1980, houve uma retomada da discussão de folclore e educação, dessa vez atribuindo o aspecto político.

Brandão (1994) mostra-nos o folclore, e emociona-nos com a história do *Búlgaro no nordeste* - não podemos esquecer de nossa cultura, ela representa o povo, e o que são! E aquele pobre búlgaro com saudades de sua terra natal relatava tão veementemente suas tradições e costumes que compunham sua identidade. E ainda nos fazendo perceber que o que para ele era *não perder a unidade da nação*, para nós era folclore e divertimento, embora não quiséssemos também esquecer quem somos.

E fizeram-me lembrar de minha terra e de como as pessoas contam "causos", deslumbrando-se ainda com histórias que ninguém lembra mais quem as contou, ou de onde vieram, mas que soam como verdade. E não são? As lendas, os costumes, as crenças, os rituais coletivos, tudo unificado no modo de vida indígena (no caso da região Norte). E a lenda da cobra-grande? Para que esquecer? Por que não respeitar e aproveitar essa fartura de *situações, relações, representações e objetos atuais*, que vêm de uma tradição perdida no tempo?

É o folclore para muitos é isso que dissemos anteriormente; para outros, somente uma pequena parte das tradições populares. O que é folclore e se este ainda existe, e o que significa cultura popular? Parecem palavras semelhantes e que se completam em alguns momentos, embora acreditemos que têm características diferentes muito sutis.

O folclore é o saber do povo, sua cultura primitiva, os mitos, as lendas e cantos que vivem da coletivização anônima do que é criado, conhecido e reproduzido, ainda que saibamos por algum tempo quem foram os autores.

Mas o Folclore é tão dinâmico quanto suas inúmeras manifestações que permanecem intocadas para garantir sua sobrevivência, garantem sua estrutura básica e modificam-se a cada instante, o que "*significa que a todo momento se recria*" (Brandão, 1994, p.38). O que nos faz acreditar que os fenômenos folclóricos também são fenômenos da cultura, já que não são coisas mortas, mas que querem sobreviver e mostrar ao povo, pelo povo, transmitindo de pessoa a pessoa, grupo a grupo e de geração em geração o que é belo e mágico - a identidade do povo.

Quando temos a oportunidade de presenciar alguma festa como, por exemplo, o Boi-Bumbá, não nos damos conta que por trás daquelas vestimentas, do próprio boi, das índias, enfim, de todos os personagens e da história em si, existem inúmeras culturas que estão a todo o momento se cruzando. Com a experiência de espectadora, sinto a fantasia e a beleza que o Boi de fato representa, deparo-me com o sentimento que outra pessoa do grupo, mas esse enlace não fica só no sentir, pensamos e agimos juntamente, e quando percebemos, todos estamos, coletivamente, criando e recriando uma identidade social.

Percebo que a confusão conceitual criada, e é assim que prefiro falar, entre o folclore e a cultura popular é muito grande. Enquanto alguns estudiosos brigam por sua origem e verdadeiro sentido, não conseguem ver, investigar e compreender o que o povo faz, simplesmente, ao derrubar uma árvore gigantesca e carregá-la até próximo de uma igreja para festejar o santo! Isso é um fato folclórico, tão dinâmico, social e político quanto os fenômenos da cultura. Mas essa compreensão só se dará quando pudermos explicar o sentido humano do folclore por meio das pessoas que o produzem (que falam o folclore) e interpretam sua condição de vida em seu grupo social.

A maioria dos estudiosos pensa a "cultura popular" como "folclore", conformando a trajetória da tradição numa visão geral e mal alinhavada, no tempo e espaço, *"pelo esforço globalizante de pesquisadores e colecionadores"* (Arantes, 1981, p.17).

É possível preservar a tradição - seus objetos, gestos, palavras, movimentos, características estéticas exteriores, mas não se pode evitar a

mudança de seus significados que ocorrem no momento em que se altera o contexto onde os eventos culturais são produzidos. Devemos pensar a cultura popular pluralizada no presente, partindo de novas concepções normativas e dinâmicas, mesmo quando buscamos a intenção de congelar o tradicional para impedir sua deteriorização (Arantes, 1981).

Tal como em nossa histórica colonização, a cultura brasileira teve também uma formação a partir da fusão de três etnias: o Índio, o Negro e o Português. Dessa mistura, nasceu o caboclo (aproximadamente no séc. XVI) que vem expressando todo o dinamismo, a essência e ações de traços complexos da história de nosso povo.

Essa miscigenação fez o caboclo adquirir a simplicidade e singularidade do Índio; a rica cultura e força do Negro e a expressividade do Português, formando assim grupos sociais instituídos por ordens políticas e econômicas para constituir procedimentos capazes de assegurar as opções necessárias ao desenvolvimento da sociedade brasileira - criando formas de comunicação e expressividade "*ao vestir-se, cantar idosas ladainhas, contar espantosas estórias, dançar suas danças típicas*" (Lopes, 1999, p.11), todos atrelados ao sentir, pensar e agir de um povo.

Assim como em todas as outras manifestações culturais do povo, as danças populares fazem parte desse desenvolvimento, gerado pelas conseqüentes mudanças culturais sofridas pelas comunidades, seja na aquisição ou imposição de outras culturas. E em decorrência da diversidade de características étnicas no Brasil, inúmeros ritmos e danças geraram uma grande riqueza para os aspectos formadores e característicos dessa população.

Os Índios foram os primeiros a perceber e a sentir na pele esse processo de união de culturas (transculturação) e de esquecimento das mesmas (aculturação). Como o Brasil era uma terra sem donos, o modelo de cultura europeu foi implantado e de forma até desrespeitosa, pois os índios já portavam cultura, mesmo que diferente.

Diante de tantas aberrações durante essa colonização os índios souberam, com muita força e determinação, guardar aspectos espontâneos e primitivos de sua cultura, com seus rituais todos expressados por meio da dança - as "*representações pantomímicas e tradições míticas*" (Lopes, 1999, p.76) de sua vida.

Os Negros vieram como mão-de-obra, suprir as necessidades do colonizador para o trabalho na lavoura e mineração. Marcando profundamente (com sua rica cultura) a cultura brasileira, mesmo em tempos tristes de total escravidão. A dança para o Negro tinha uma conotação de divindade, manifesta-se por meio de rituais de aspecto religioso e profano.

Os Portugueses também colaboraram para que essa mistura tomasse gostinho de Brasil. Suas danças eram características, cheias de graça e requinte, embora influenciadas pela cultura árabe e espanhola. No início, somente a camada mais rica deliciava-se ao dançar as quadrilhas em belos salões, e o povo tentava apropriar-se das mesmas modificando suas formas de expressão, recriando outras formas.

Com essa apropriação das danças pelo povo brasileiro, totalmente miscigenado, as danças populares começaram a adquirir características regionais, de acordo com a concentração étnica do lugar. A exemplo

podemos citar os índios no Norte, os africanos no nordeste e os europeus no sul e sudeste do Brasil.

Já é sabido que, desde as primeiras décadas do século XX, a dança trouxe valores imprescindíveis para o meio educacional e que estes ultrapassaram o movimento em si, trouxeram sentimentos e sensações por meio da expressão de seus praticantes. Diante disso, as danças populares apresentam incomparável valor, já que verbalizam por meio de seus movimentos os mais diversos aspectos da vida afetiva do homem, associando a música ao gesto, a cor ao ritmo, o sentido lúdico ao utilitário, a graça aos atributos da resistência física, contribuindo com as relações interpessoais, o desenvolvimento do espírito comunitário, a compreensão de diferentes papéis na vida social.

Queremos garantir que esse processo não seja mecânico e que possa ser desenvolvido por profissionais capacitados. Não gostaríamos de perder os sentidos e significados das danças populares, que mesmo sofrendo alterações no tempo, ainda permanecem vivas...



"(...) Porque se chamavam homens, também se chamavam sonhos, e sonhos não envelhecem".

Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Pensamos a Educação Física Escolar numa perspectiva crítico-superadora de reflexão sobre a cultura corporal, por não acreditarmos na visão de desenvolvimento da aptidão física do homem, característica esta, também assumida e mantida por uma estrutura capitalista de sociedade em que a Educação Física também está inserida (Coletivo de autores, 1992).

Quando pensamos nessa reflexão, idealizamos uma pedagogia que prioriza o acervo das formas de representação do mundo que os seres humanos têm produzido no decorrer de sua história, por meio da expressão corporal.

Podemos tomar como base para o nosso trabalho a identificação de representações simbólicas da realidade vivida por meio da história criada e culturalmente desenvolvida por nossos alunos em nossas aulas, observando o jogo, a luta, a ginástica, o esporte, a dança, entre outros.

Devemos desenvolver em nossas aulas o valor de historicidade da cultura corporal, tratando o conhecimento de forma a ser retraçado/reconstruído desde a sua origem para incentivar a compreensão deste aluno, como sujeito de sua própria história - *"sendo assim, capaz de interferir nos rumos de sua vida privada e da atividade social sistematizada"* (Coletivo de Autores, 1992, p.40).

Nessa perspectiva, a expressão corporal é linguagem e conhecimento que precisa ser estudado pelos alunos na escola, para garantir o entendimento da realidade acerca das práticas corporais.

A Educação Física pode caracterizar-se como uma prática transformadora que trata o sentido/significado das práticas corporais abrangendo a compreensão das relações de interdependência da dança (nosso objeto de estudo neste momento), bem como de outros temas que compõem seu programa, e que nos possibilitam entender a realidade social em que estamos inseridos, relacionando-os com outros temas "polêmicos", como: preconceito, deficiência, relações sociais, trabalho etc.

A Educação Física caracteriza-se como uma prática social e de acordo com o Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe-UFSM (1991): *"educar os alunos para adquirir a capacidade de ação"*, não está (segundo meu entendimento) voltada somente para o movimento, mas para a participação efetiva nas mudanças da sociedade. Esse grupo busca, por meio de seus exemplos práticos de aula, construir novas concepções para se conduzir e estruturar uma aula partindo da importância da relação professor/aluno/instituição.

Assim podemos tomar como base a compreensão de INTERAÇÃO para a aula de Educação Física, na qual os alunos devem fazer suas próprias interpretações e definições, mesmo em situações preestabelecidas. Garantir espaços para ação e interpretação nas aulas de Educação física é essencial. Os alunos devem trabalhar, juntamente com o professor, os temas das aulas. E os professores devem garantir que esse planejamento ofereça situações ímpares de ensino-aprendizado.

Por meio das aulas de Educação Física alunos e professores têm a possibilidade de construir uma realidade social durante o desenvolvimento das situações de aula, e não por meio do encaminhamento precoce dos alunos à realidade social de modelos preestabelecidos de movimento e de suas exigências, mas trabalhando com a cultura corporal.

O professor deve arranjar situações em que os alunos possam fazer as primeiras experiências de movimento. Nesse momento, podemos concordar com as colocações do parágrafo anterior, desde que essas experiências sejam reconstruídas pelos próprios alunos. E assim as experiências poderão ser transferidas para outros contextos.

A configuração das aulas de Educação Física deve ocorrer de forma aberta, orientando alunos, processos, problemas e comunicação, voltando-se para o desenvolvimento da capacidade de ação e fazendo com que os sujeitos (professor e aluno) entendam sobre os seus papéis nesse processo, além da compreensão dos objetivos, conteúdos e métodos da aula.

É assim que procuramos ver e sentir nossas aulas e quem sabe torná-las um pouco mais humanas numa ação político-pedagógica que desenvolva o processo de ensino-aprendizado coerente com a perspectiva de transformação social.

Nesse sentido, a aula de Educação Física torna-se totalmente participativa, já que professor e aluno estão juntos planejando suas estratégias, de acordo com suas exigências no processo educativo; dando abertura às experiências dos alunos (identidade corporal formada ao longo de suas vidas).

Embora saibamos que o sistema educacional tenha incorporado mesmo que de forma lenta essa discussão, ainda esquece a relação conhecimento e experiência do aluno. A educação formal não tem conseguido possibilitar o efetivo exercício do pensar e do produzir conhecimentos. No entanto, pensamos que é possível buscarmos outras formas de ação no interior da escola.

Para a escola, instituição que trabalha com diversos valores humanos, desenvolver trabalhos com as danças populares seria de suma importância para alertar alunos, professores e a própria Instituição para a vida e o contexto sócio-cultural em que estão inseridos - a escola seria um centro irradiador da cultura popular, à disposição de toda a comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la.

É necessário trabalhar na escola com a reconstrução da cultura brasileira no universo da dança, tematizando as origens culturais (índio, negro e branco), despertando a identidade social do aluno no projeto de construção da cidadania (Coletivo de Autores, 1992).

A Educação Física, como disciplina que trata pedagogicamente (na escola) da cultura corporal, e que configura temas ou atividades corporais, como o jogo, o esporte, a ginástica, a dança, a luta, pode caracterizar-se como um espaço privilegiado para o trabalho com as danças folclóricas no ambiente escolar.

A Educação Física tem como linguagem a expressão corporal, e por meio dela pode mediar o processo de sociabilização de crianças e jovens, buscando a compreensão e incentivando a autonomia crítica da realidade.

As aulas de Educação Física devem garantir um espaço de trocas simbólicas, pois além de interpretar as atividades populares, viabilizando a compreensão das múltiplas mensagens que a cultura popular veicula, podem desenvolver uma reflexão da posição e importância que essa tem na estrutura social do grupo que a produz.

A cultura popular é a própria história de uma região, de uma comunidade, revela a sua alma. Quando a cultura popular perde-se na sucessão das gerações, perde-se uma parte da história, uma parte de nossa identidade, um pouco da nossa alma. É essencial lembrarmos que todo esforço em torno da preservação da nossa cultura é útil, válido e imprescindível.



DANÇAS POPULARES NA ESCOLA

As danças populares significam a representação de usos, costumes e acontecimentos que constituem a história de um povo que expressa seus ritmos próprios, termos e idiomas característicos. São configurações provenientes do esforço coletivo sobre os padrões morais, culturais, políticos e sociais, manifestados por meio do movimento rítmico.

As práticas corporais traduzem concepções de mundo, nas quais os corpos aprendem socialmente em determinado tempo e espaço. As danças populares formam esse processo de reconstrução cultural, utilizando o corpo como forma de expressão.

As danças populares sofreram adaptações e transformações com o desenvolvimento da civilização: dança étnica, dança folclórica, dança de salão, dança teatral etc. Hoje, esse desenvolvimento tem perdido as características do aprendizado informal e a relação espontânea que a dança desenvolvia entre os dançarinos e o público, assumindo, cada vez mais, formas elaboradas em sua prática.

A inclusão das danças populares na escola tem objetivos que se justificam por inúmeras razões, seja pela compreensão da necessidade de reconstruir as manifestações da cultura popular, que estão adormecidas ou ausentes da vida de movimento das crianças; pelo desenvolvimento da capacidade de pensar, refletir, analisar, sentir, agir e reagir, no qual as

crianças percebem o corpo e os princípios da arte popular e da educação; pela valorização da integração das danças populares com as experiências de vida das crianças para promoção do trabalho interdisciplinar; pelo despertar da consciência da dimensão sócio-política da transformação histórica da cultura popular em relação às implicações educacionais e sociais; pela promoção de uma investigação das origens e significados das manifestações populares; pelas visitas às comunidades e desenvolvimento de vivências com grupos parafolclóricos², para que as crianças percebam a expressão corporal como linguagem.

A escola também é espaço para propiciar uma releitura de nossa cultura que foi modificada com o tempo. Incluir manifestações como brinquedo cantado, festas tradicionais e danças no início da vida escolar das crianças é necessário para despertar o gosto pelas práticas que são nossas e que caracterizam uma região, uma identidade social (Marinho, 1980).

As danças populares na escola passam por caminhos que envolvem a compreensão e o conhecimento de sua própria existência em cada contexto, seja na tradição de ontem ou na reconstrução do hoje. Devem reunir os fundamentos da linguagem corporal, sensibilizando e formando o ser humano - o dançar que me refiro tem o compromisso pulsante com o novo, desde que considere as diferentes formas de produção cultural de um determinado grupo ou nação.

Consideramos que os princípios universais do movimento, propostos por Laban (1990), devem nortear o trabalho com as danças populares na

² Grupos organizados que estudam e realizam apresentações das diversas manifestações folclóricas de uma região.

escola. A proposta de Laban baseia-se em atividades que utilizam posturas e movimentos abertos e fechados, retos e circulares, diretos ou flexíveis, suaves ou fortes, rápidos ou lentos, além das ações corporais básicas e dos gestos informais, garantindo uma sistematização do conhecimento que envolve a linguagem corporal de nossos alunos.

Existem infinitas combinações gestuais possíveis. A percepção e utilização adequada e comprometida dessas variações, pode possibilitar com que o aluno passe a ter consciência de seu corpo.

O método Laban justifica o trabalho com as danças populares, já que propõe uma vivência por meio de elementos que fazem parte da construção da dança em suas mais diversas culturas, proporcionando assim, experiências potencialmente mais expressivas.

Seus princípios estão embasados na consciência do corpo e do movimento natural, que criticam a alienação do movimento que se tornou cada vez mais mecânico submetido às rotinas de gestos impostos pela história do corpo inserido nas sociedades.

CORPO

O autor propõe subdivisões básicas para observar as ações corporais que produzem alterações na posição do corpo em relação ao espaço que habita no momento, levando em consideração o tempo e a energia muscular utilizada no movimento.

➤ MOBILIDADE

- levantar e abaixar
- flexionar e estender
- circular

➤ AÇÕES BÁSICAS

- deslocamento
- mudança de suporte
- giro
- salto
- gestos informais

DINÂMICAS

A dinâmica dos movimentos relaciona os elementos (peso, espaço, tempo e fluência) com os oito esforços básicos, pois denotam facilidade de execução, e seu aprendizado desenvolve a expressividade nos movimentos. A relação movimento-elemento gera fatores de intenção, decisão e precisão no ser humano.

➤ ELEMENTOS

- peso
- espaço
- tempo
- fluência

➤ ESFORÇOS BÁSICOS

- retorcer
- pressionar
- deslizar
- flutuar
- dar lambadas leves
- cortar o ar
- dar socos
- dar pequenos toques

TEMAS

Esse é um momento de improvisação motivado pelo movimento espontâneo e pela consciência do aluno diante de sua atuação social. O movimento inventado, a criação da dança, parte da utilização de elementos internos - sensações, pensamentos; e/ou de elementos externos - música, literatura, pintura (Laban, 1990).

➤ Brincadeiras com as partes do corpo

➤ Instrumentos corporais

- andar
- correr
- parar
- girar
- engatinhar
- transpor
- espalhar
- lançar

- agachar
- levantar
- dar socos etc.

➤ Ações corporais

- encolher
- esticar
- arquear
- balançar
- ondular
- planar
- vibrar
- rolar
- cair
- mergulhar
- suspender etc.

➤ Ações rítmicas

- serrar
- puxar
- empurrar
- cortar
- martelar
- cavar
- desenhar
- picar etc.

FATORES DO MOVIMENTO

Energia, espaço e tempo nos trazem a consciência de que o movimento torna-se arte por meio da percepção que temos da relação entre o corpo (ser humano) e sua ação (tempo-espaço). Toda essa percepção da energia que flui no tempo e espaço desenvolve a musicalidade, o ritmo e a habilidade em agir.

"(...) As direções espaciais combinadas entre tensões e seqüências de tensões não são meros pensamentos simbólicos, mas acordes de gestos corporais encorpados de poder expressivo e intenção consciente. A pessoa é um jogo unificado de pensamento e ação"
(Laban, 1978).

- Espaço individual: desenho ou escrita no ar e no solo
- Espaço Total
- Níveis: alto, médio e baixo.
- Planos: sagital, vertical, horizontal.
- Relação com o outro: jogos de liderança, de imitação e improvisação, sensação do peso do outro etc.
- Deslocamento/ trajetória: circular, angulosa, espiralada.
- Elevação do solo: suspensão, lançamentos, golpes e quedas.
- Fluxo do peso corporal no tempo e no espaço: os movimentos circulares, retos ou angulares.

É de fundamental importância que os professores conheçam as gestualidades próprias das danças populares, mas não devem restringir o trabalho à reprodução de gestos característicos. Daí a importância dos princípios propostos por Laban para o desenvolvimento das danças populares na educação física escolar.

É preciso criar um ambiente de criatividade, "(...) a criatividade destrói o padrão de comportamento restritivo e institucionalizado e liberta o indivíduo, dando-lhe oportunidade de errar, de descobrir seu próprio caminho" (Laban, 1978, p.49), deixando que a expressividade possa manifestar-se para além de padrões gestuais preestabelecidos.

Devemos ficar atentos para que o desenvolvimento das danças populares na escola não fique restrito somente a datas comemorativas, como: o dia do folclore, do índio etc. Precisamos ter claro que a abrangência das danças populares é inesgotável, já que não tratamos de meros movimentos codificados (coreografias de determinadas danças populares), mas de todo um processo de transformação da própria cultura popular.



"(...) este sol, este luar
estes rios e cachoeiras
estas flores, este mar
este mundo de palmeiras

tudo isto é teu, ó meu Brasil
Deus foi quem te deu
ele por certo é brasileiro
brasileiro como eu".

Waldemar Henrique

EU SOU DE UM PAÍS QUE SE CHAMA PARÁ

Nesse momento gostaria de mostrar-lhes o que de mais precioso há em meu coração - a cultura de meu povo, e a maneira simples e rica de magia que os nortistas encantam com suas danças, ladainhas, lendas, provérbios, adivinhas, folgedos etc., reconstruindo a cada instante, pelo dinamismo de sua história.

Quero enfatizar que essas danças não têm conotação com modelos ou fórmulas para utilização em escolas. Estão como meras coadjuvantes do registro de histórias construídas no passado, que continuam marcadas e presentes numa determinada região do nosso país.

Cabe à escola, à instituição, aos professores e alunos construírem sua própria história, seu próprio movimento, sua própria arte.

1. DANÇA DE ANGOLA

É interpretada somente pelas mulheres. É originária das escravas africanas do Município de Santarém. Escravas estas que se reuniam para executar esta belíssima manifestação folclórica com agitados movimentos coreográficos, os quais exigiam a observação rigorosa das indicações feitas pelos versos cantados.

INDUMENTÁRIA: Saia branca, bem rodada, com muitos folhos; blusa com babados; colares e pulseiras de cor amarela e na cabeça duas rosas (branca e amarela).

2. DANÇA DA MAZURCA

Uma das mais belas danças da Marujada de Bragança. É executada sempre entre o final de dezembro e início de janeiro em homenagem a São Benedito. É uma espécie de Quadrilha, dançada em roda, com grande número de participantes, executada na rua e em casas, referenciando uma homenagem simples às pessoas queridas ou destacadas do local. O passo é sempre saltitado com uma evolução rica e brilhante.

3. SAMBA DO CACETE

O Samba do Cacete é uma variação de danças regionais que engloba o Maxixe, o Carimbó e o Siriá, que são danças muito famosas no Município de Cametá e suas coreografias são as mais belas do Pará. Sendo, contestavelmente, sob o ponto de vista musical, uma variante de Batuque Africano.

4. DANÇA DO PAU DE FITAS

A Dança do Pau de Fitas, cuja origem não se pode precisar, é uma dança mundialmente conhecida e muito apreciada, é dançada no Sul do País,

onde concorre com a Quadrilha pela sua coreografia e musicalização. Em nosso País é conhecida no Rio Grande do Norte, finalizando o "Bumba-Meu-Boi"; em Pernambuco, com o nome de Vilão; em Sergipe, com o nome "Folgedos de Trança" durante ao Reisado de Natal; no Estado de São Paulo, como "Dança das Fitas", realizada nas Fúlias do Divino; no Pará, é conhecida como a "Dança do Tipiti". O Pau de Fitas que representamos é peculiar ao de Santa Catarina, onde como Folgado Popular é conhecido em todo litoral, porém somente entre as populações de origem lusa.

Vale ressaltar que, no planalto, não é executado nem mesmo entre estas comunidades. Durante a apresentação do Pau de Fitas notamos partes: - uma primeira introdução que precede a dança deste nome, constando de um mastro utilizado, carregado pelos alunos; -uma segunda, o Pau de Fitas, propriamente dito, ou seja, a movimentação executada empunhando as fitas, trançando-as, enrolando-as, ou apenas segurando.

Os brincantes vão dançando ao redor de um mastro, de cujo topo pendem fitas de várias cores, e segurando as suas pontas vão trançando e destrançando-as no mesmo, imitando o tecido de um tipiti verdadeiro (cesto cilíndrico, onde é espremida a mandioca). O aspecto cor, conjunto, lateralidade, dinâmica de grupo, coordenação rítmica e gestual, percepção espacial, tudo isso está contido nessa dança de grande efeito visual.

5. CARIMBÓ

A dança do Carimbó é a mais extraordinária manifestação de criatividade artística do povo paraense. Foi criada pelos índios Tupinambás

que, segundo os historiadores, eram dotados de um excelente senso artístico chegando a serem considerados em tribos como verdadeiros semideuses, por todas as pessoas que demonstravam algum penhor para as artes: esses indígenas eram cercados de um carinho todo especial. Esta dança é executada em todas as regiões do Estado do Pará, principalmente, na zona do Salgado.

6. LUNDU MARAJOARA

O lundu é uma das mais belas manifestações artísticas dos negros que a trouxeram para o Brasil, na época da escravatura. Essa dança representa um convite feito pelos cavalheiros, para um encontro de amor com as damas, rejeitados inicialmente, porém pouco a pouco aceitam o convite. Por esta razão, os membros da Corte no Brasil não aceitavam esta dança, na qual os negros eram forçados a realizar o ato sexual diante do público.

No Brasil, três núcleos de escravos conseguiram manter, clandestinamente, a dança: São Paulo, Minas Gerais e Pará, precisamente na cidade de Soure, na ilha de Marajó.

7. DANÇA DO SIRIÁ

A mais famosa dança folclórica do Município de Cametá é, ao nosso ver, a manifestação coreográfica mais bela do Pará, em todos os aspectos. Sob o ponto de vista musical é, incontestavelmente, uma variante do

Batuque Africano que sofreu alterações com o passar do tempo, que a enriqueceram de maneira extraordinária.

De todas as informações recolhidas em Cameté, a origem indicada a seguir é mais lógica, considerando a vida levada pelos negros e os caboclos forçados pela escravatura desumana de que foram as maiores vítimas. Contam os estudiosos, que esses elementos, depois de uma pequena alimentação, que eles próprios tinham de conseguir e preparar iam para o trabalho na lavoura sem alimento algum. Só tinham descanso no final da tarde, quando obtinham licença para caçar e pescar.

Como a escuridão dificultava a caça na floresta, os elementos iam para a praia tentar pescar alguns peixes, que preparavam no mesmo local para o seu sustento. A quantidade de peixe, entretanto, não era suficiente para satisfazer a grande fome de todos e, com mais esse sofrimento diário, iam todos para a Senzala, onde depois de algumas danças e cantos amenizavam o martírio em que viviam como verdadeiros animais; quase sempre doentes e com fome sem poderem apelar para quem quer que fosse. Certa tarde, entretanto, como se fora verdadeiro milagre, surgiram na praia centenas de siris que se deixavam pescar com mais facilidade, saciando desse modo a fome dos escravos. Como esse acontecimento repetia-se todas as tardes, os escravos africanos, tiveram a idéia de criar uma dança em homenagem ao fato extraordinário.

Chamavam *CAFEZÁ*, para plantação de café; *ARROIA*, para plantação de arroz; *CANAVIÁ*, para plantação de cana; e passaram a chamar de *SIRIÁ*, para o local onde todas as tardes encontravam os siris, com que

preparavam o seu alimento diário. Com o ritmo que representa uma variante do Batuque Africano, a dança do Siriá inicia-se com um andamento lento.

Gradativamente, à medida que os passos vão se desenvolvendo, a velocidade cresce, atingindo ao final um ritmo quase frenético e agitadíssimo. A dança do Siriá apresenta uma rica coreografia que obedece às indicações dos versos cantados, sendo que os pares fazem volteios, com o corpo curvado para os dois lados.

8. XOTE BRAGANTINO

A dança de origem escocesa predominando em Bragança, Município do Pará, é a mais famosa manifestação folclórica da Escócia, que a partir do ano de 1841 conquistou os máximos aplausos na França, Inglaterra e Alemanha, chegando ao Brasil, por meio dos colonizadores portugueses, que a cultivaram com grande interesse nas reuniões festivas. Os escravos africanos, que habitavam o Município de Bragança, conseguiram assimilar o XOTE, incluindo nas apresentações da Marujada deste Município.

9. DANÇA DO RETUMBÃO

Uma das danças da Marujada na Festa de São Benedito em Bragança-Pará, sendo esta a dança preferida da Marujada. É dançada em um grande barracão, todas as noites em homenagem a São Benedito, entre 25 de dezembro a 1º de janeiro. O Retumbão chega a ser variante do Lundu e

Carimbó, todavia não há ainda uma análise mais acurada que permita afirmações definitivas.

Marujada é termo que designa um auto Trágico-Marítimo do Nordeste. Mas em Bragança-Pará, denomina-se uma Agremiação Profana, à parte da Irmandade de São Benedito. Cabe a direção e organização da Festa e Dança somente às mulheres, tendo à frente a Capitoa e a Subcapitoa, os homens são apenas tocadores e acompanhantes que são liderados por um Capitão, a Dança é realizada com passos curtos e ligeiros, em volteios rápidos numa outra direção. As mulheres possuem chapéus enfeitados com penas de aves e fitas coloridas.

10. DANÇA TAIEIRAS

Dança de origem africana trazida para o Brasil na época colonial. Em festividades ou grandes bailes dos coronéis, os escravos eram colocados para dançar *seminus* para admirações por parte dos Senhores. O traje usado nesta dança é de rendas transparentes para expor o corpo do negro, causando risadas nos assistentes. Sendo muito cultivada dentro da cidade de Belém, principalmente, no bairro da Campina.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sentes contentamento e esperança?! Falo em pensar/agir com a possibilidade de desenvolver trabalhos com as danças populares em aulas de Educação Física. Não quero com isso, afirmar que nenhum professor trabalhe com esse tema.

Quero apenas alertá-los para a importância de desenvolvermos trabalhos que não se limitem apenas às "datas comemorativas". Mas que possamos vivenciar e alegrar-nos cada vez mais, e aos nossos alunos, cada dia de nossas aulas, com o dinamismo da cultura popular que transborda a todo instante.

Devemos sempre estar motivados para buscar caminhos diferentes para o ensino das danças populares na escola. Mas tenho claro que nossa formação profissional não nos dá suporte para trabalhar com coerência e consciência na escola, já que pude presenciar em meu curso a ausência de tratar as danças populares brasileiras como conteúdos estratégicos a serem desenvolvidos em aulas de Educação Física. Também tenho clareza de todo o processo histórico, político, social e cultural dessa região que deixou adormecer suas manifestações mais puras em detrimento do conflito de outras culturas cosmopolitas, de outras histórias, que também não deixam pra trás sua riqueza e beleza.

Entendo que as manifestações da cultura popular encaixam-se como conteúdos pedagógicos que podem ser desenvolvidos na formação crítica da vida social do aluno. Mas que devem ser construídos e elaborados na produção do saber de cada manifestação popular, e não pré-fixando mais um conteúdo, distorcendo ou descaracterizando esses elementos.

Precisamos possibilitar em nossas aulas que os alunos visualizem o significado de suas próprias vidas, motivando-os para autonomia da elaboração das situações do dia-a-dia, das relações sociais e de sua história.

Não tenho propostas, tenho inquietações... E gostaria de partilhá-las com vocês, leitores!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTE_DE_DANÇAR. GIF. Altura: 6,61 cm. Largura: 6,14 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: http://www.unicef.org\arte_de_dancar_2.gif>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

ARANTES, Antônio Augusto. *O que é cultura popular?* 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

-----, *A Educação como cultura*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BALAIÓ. GIF. Altura: 6,03 cm. Largura: 9,26 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org\balaio.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

BUMBA. GIF. Altura: 5, 72 cm. Largura: 6, 16 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org\Bumba.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

BUMBA_MEU_BOI. GIF. Altura: 4,26 cm. Largura: 7,94 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: http://www.unicef.org\bumba_meu_boi.gif>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é folclore?* 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAPOEIRA. GIF. Altura: 5,66 cm. Largura: 7,94 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em:<c: \http://www.unicef.org\capoeira.gif>.2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

CARNAVAL. GIF. Altura: 7,99 cm. Largura: 10,58 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org/carnaval.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001

CATERETE. GIF. Altura: 5,79 cm. Largura: 9,26 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org/caterete.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREVO. GIF. Altura: 7,94 cm. Largura: 6,88 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org/frevo.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe/UFSM. *Visão didática da educação física: análises críticas e exemplos práticos de aulas*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.

HENRIQUE, Waldemar. *Minha terra* (canção). Belém: Vitalle, 1923.

----- . *Batuque Amazônico*. Belém: Vitalle, 1934.

LABAN, Rudolf. *Domínio do Movimento*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.

----- . *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

LOPES, Maria Vilhena. *Folcloricando*. Belém: Supra, 1999.

LOURDES, Marques de Almeida. *Quando eu crescer*. Uberaba: PEG, 1996.

MARACATU. GIF. Altura: 6,48 cm. Largura: 10,19 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org/maracatu.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

MARINHO, Maria Gorete da Rocha O. *Danças populares como espetáculo público no Recife*. Recife, 1991. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 1980.

QUADRILHA. GIF. Altura: 7,94 cm. Largura: 5,61 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em:<c: <http://www.unicef.org/quadrilha.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001.

SAMBA. GIF. Altura: 6,35 cm. Largura: 10,58 cm. Bytes. Formato GIF. Disponível em: < c: <http://www.unicef.org/samba.gif>>. 2001. Acesso em: 20 setembro. 2001

SANTOS, José Luis dos. *O que é cultura?* 9. ed. São Paulo: Brasiliense. 1991.



*"Quando eu não tiver
mais passos para meus caminhos
Por favor não venha dizer-me*

*Peque minha paisagem e
a faça deslizar delicadamente
para que eu pense que
ainda estou andando.*

Assim...

Neste caminho de faz de conta

meu

Eu-criança não se perderá".

Lourdes Marques